

OPINIÃO

O 1º de Maio é Vermelho

“Que força é essa? amigo, que força é essa?”

Sérgio Godinho

“Mistura a tua voz à voz que se levanta Das chaminés e dos guindastes.”

Mário Dionísio

(I)

1 - Estava com uns camaradas a fazer essa pichagem, ou pelo menos assim o recorde. Depois passei por lá e ainda a vi incompleta. Tínhamos tido que fugir, o camarada de vigia dera o alarme. 2 dias depois foi apagada. Depois foi o 25 de Abril.

2 - Entrei no Monte Carlo (ao Saldanha) afogueado e com a mochila pesada. O sr. Metralha, que me tinha conhecido nos anos 60, ainda com o meu avô a tomar café, engraxar e ler o jornal, disse-me discretamente “Vá à casa de banho que sirvo-lhe, aqui, um café.” Na casa de banho esvaziei a mochila, já lá estavam outros “destroços” e voltei para o café, já cheio de pides.

3 - Antes, talvez em 70, no Pedro Nunes, exame de francês. A professora que me tinha estima (eu vinha do liceu francês) agarra o meu caderno. Um arrepio... ficou a ler... fechou-o, fez-me uma festa na cabeça e segredou-me “António, tem cuidado.” No meio desse tinha do-

cumentos do M.A.E.S.L. (Movimento Associativo Estudantes Secundário de Lisboa)

Estórias mais ou menos reais. O fascismo era a repressão, era a guerra colonial, eram os livros proibidos (que eu comprava, vim a saber quando ele foi preso, ao empregado da tabacaria/bufo que tinha assentado o meu nome e morada) os filmes cheios de cortes (numa sessão à saída fomos identificados por protestos!), a proibição de andar de mão dada com a namorada. As canções proibidas mas cantadas, e tantas, tantas outras coisas, hoje inimagináveis.

E a repressão, a prisão, a tortura, a fome, e os mortos. Tantos.

Não esquecemos. Nunca esqueceremos.

(II)

1 - As palavras modificam a realidade. Quando chamam à guerra colonial guerra do ultramar já sabem que é um chegado. Quando chamam aos despedimentos reforma laboral, é outro ou um capitalista iliberal. Quando chamam crescimento à destruição ambiental e à poluição, já sabem de que sem vergonhas estamos a falar. A novi-língua que

Orwell tão bem retratou (o P.C.P. chama a Orwell bisca para o desvalorizar, sabemos porquê!) e Kemperer desmascarou analisando a língua do III Reich. Ou melhor as palavras constróiem o presente com que nos querem dominar.

A passividade das massas, ou melhor a alienação



▲ A foto de Fernando Corrêa dos Santos (de 1955) que ilustra o artigo é picada de uma exposição. Veja-se o ar safado do padreca, dito eminência, o gesto subserviente do tal Salazar, e o olhar concupiscente dos outros.

dessas por via do controle da informação e do poder dos aliciamentos é cada vez maior.

2 - Uma análise do sistema torna a trama que se tece em volta desta entidade amorfa totalmente evidente.

Vejamos o discurso dos média é todo ele pautado pela mesma lógica, induzir, conduzir, moldar todos ao mesmo discurso dominante, veja-se os títulos dos jornais, e muitos jornais são só títulos ou os alinhamentos dos noticiários, todos tem a mesma forma, não permitem qualquer respiro



de cidadania. E os comentadores ou locutores, escritos ou orais moldam a mesma massa, que lhes é fornecida seja pelas editoriais/censores seja pelos anunciantes ou donos do órgão de comunicação, directa ou indirectamente.

Temos que escavar sobre as notícias para saber os factos e desembaraçar-nos dos comentários que muitas vezes estão induzidos nas notícias, para saber o que se passa, como é a realidade. Vivemos condicionados por todos os lados.

3 - Agora uma citação, apócrifa:

As sociedades em que vivemos não funcionam só pelo poder do Estado e das elites económicas mas, também “pelo consenso e consentimento dos governados e dependentes, consenso que é antes de mais estabelecido pelos média. A hegemonia é o sistema de poder e domínio que prevalece não só devido ao governo e aos mercados mas também pela sociedade civil, o nosso modo de vida e a forma como vivemos”. Alienados e dominados pelo discurso hegemónico. A chamada pescadinha de rabo na boca.